

# MUSEU DA PESSOA

## História

### A Mãe de minha Mãe

História de: [Will Damas](#)

Autor: **Museu da Pessoa**

Publicado em: 05/05/2005

### História completa

Meu avô era um italiano imigrante forte, alto e famoso por sua força inigualável. Eu era muito pequeno, mas lembro-me de um tronco cortado de árvore que havia bem em frente a varanda da casa, e que todo mundo reclamava de sua presença. Todo mundo, os adultos, pois nós as crianças, quase sempre a usávamos como mesa, ou pique-esconde, etc. Certo dia, pela manhã, ouvimos vovô resmungando e gritando lá fora. Fazia muito frio e não quis sair da cama, então fui até a janela enrolado no meu cobertor, e o vi abraçando o tronco da árvore e fazendo aqueles ruídos malucos. Achei engraçado e chamei os meus primos que dormiam comigo no chão do quarto da frente, era lá que dormíamos quando íamos a Curitiba. Todos olhávamos aquela cena e ríamos, pois achávamos que nosso avô estava brincando de alguma coisa que não entendíamos direito. E ele dava voltas e abraçava novamente a árvore e resmungava, e ríamos. De repente, percebemos a intenção de tal dança engraçada. O tronco começava a mover-se lentamente. Assim que isto aconteceu, vovô dava voltas em torno do tronco sempre empurrando-o, como que amolecendo-o. Numa atitude quase solene, vovô agachou-se, colocou os braços bem apertados em torno do tronco, quase conseguindo abraçá-lo, e num grito rouco levantou-o com raiz e tudo deixando um rombo no chão que daria sem dúvida para esconder 3 ou 4 de nós lá dentro. Embora toda sua força fosse cantada e decantada na região, sempre soubemos quem mandava na casa. Vovô Minha avó era índia da tribo dos Botocudos e dizia que tinha nascido para parir. Sem dúvida acreditava tanto nisso que teve dezesseis filhos. Onze homens e cinco mulheres. Essa história me foi contada por uma tia que era cega e nos reconhecia pela voz, o que era difícil já que éramos, naquela época, 1959, 1960, por aí, uma turminha de nove ou dez capetas entre 4 e 10 anos de idade. Tia Isaura costumava nos sentar à noite próximos da fogueira em frente da varanda da casa e nos contar histórias. Histórias sempre verdadeiras. Quase sempre sobre os momentos vividos na tribo que vivia às margens do Rio Paraná, próximos de Goiás e Mato Grosso do Sul. Noite daquelas tia nos falou de uma história que incluía minha mãe, que era responsável pela comida de todo aquele batalhão; eu, com 1 ano e meio de idade; meu avô e minha avó. Estava eu com minhas pequenas travessuras pela casa, quando num daqueles arroubos que só um capetinha nesta idade tem, consigo agarrar, de uma só vez, todos os cachimbos do vovô trazendo-os ao chão num estrondo assustador a todos. A primeira a entrar na sala foi minha mãe, logo em seguida minha tia Isaura que era cega, que nos contou esta história e minha vó. Minha mãe pegou-me pelo braço e deu-me um tapa na bunda ( ainda bem que não me lembro ). Minha tia apressou-se em me achar pelo chão abraçando-me. Minha vó sentou-se numa cadeira de balanço que era só sua, ninguém podia sentar ou brincar nela, na qual na sua parte traseira, ficava colocada com toda a pompa uma pequena sacola contendo flechas de madeira e um arco enorme. Minha tia iniciou uma discussão com minha mãe em minha defesa e neste momento entra meu avô. Gritando, como parece que era seu costume, pedindo que aquela discussão parasse. Minha tia disse que aquietou-se no chão comigo em seu colo, ainda choramingando pelo tapa na bunda, e minha mãe continuou resmungando, como parece que era o "seu" costume. Meu avô, irritando-se com a continuação da "ladainha" de minha mãe, saiu até a varanda para apanhar uma vara de marmelo, dizendo que era hora de dar uma lição em minha mãe. Nesse momento, minha vó, já bem velhinha, levantou-se da cadeira, apanhou o arco e uma flecha e aguardou da própria cadeira meu avô aparecer na porta. Dizendo que ele ficasse por lá, que não voltasse pra dentro que ela cuidaria do assunto, ameaçou-o. Meu avô não ouviu, ou não quis ouvir, e veio em direção à porta com a vara de marmelo na mão. Quando apareceu na porta, minha vó, não teve um minuto de dúvida. Flechou-o na altura da coxa com tamanha força que varou-lhe a lateral da perna esquerda de um lado ao outro. Minha tia disse que ele gritou como nunca, e minha vó indo lá pra dentro para pegar álcool e algodão ainda dizia que ele não tentasse nunca bater numa das meninas ( suas filhas ), que se quisesse bater ou educar alguém que se limitasse aos homens, que das mulheres cuidava ela e mais ninguém, e que se alguém tentasse alguma coisa ela flechava mesmo. Éta mãe arretada